



ANTES DE COMEÇAR A LER, ESCREVA O SEU TESTAMENTO.

~ O DEPOIMENTO ~ DE RANDOLPH CARTER.

PUBLICADO PELA PRIMEIRA VEZ EM VAGRANT (1920)

E MAIS TARDE NA

WEIRD TALES

(FEVEREIRO DE 1925)

TRADUÇÃO E NOTAS DE:
JOSÉ MANUEL LOPES.



~ PROFESSOR ~



na UNIVERSIDADE LUSÓFONA,
e NA UNIVERSIDADE DO MISKATONIC.

: O Depoimento De Randolph Carter¹ :

Repito-vos, meus senhores, que o vosso inquérito é inútil. Detenham-me aqui para sempre, se quiserem, aprisionem-me ou executem-me, se é que precisam de uma vítima que possa propiciar a ilusão daquilo a que chamais justiça, mas não vos poderei dizer mais do que aquilo que já vos disse. Tudo de que me consigo lembrar vos contei já, com toda a candura. Nada foi distorcido ou omitido e, se alguma coisa ainda permanece vaga, é apenas devido à escura nuvem que se apossou da minha mente — a essa nuvem e à natureza nebulosa dos horrores que a fizeram abater-se sobre mim.

Mais uma vez vos digo, não imagino o que possa ter acontecido a Harley Warren², embora pense — e deseje — que ele se encontra na paz do esquecimento, se é que tal coisa abençoada possa existir. É verdade que, durante cinco anos, fui seu amigo íntimo, compartilhando parcialmente as suas pesquisas sobre o desconhecido. Não irei negar, embora a minha memória seja confusa e pouco fiável, que essa vossa testemunha nos possa ter visto juntos, tal como afirma, na Estrada de Gainsville, a caminhar na direcção do Pântano do Grande Cipreste³, às onze e meia dessa fatídica noite. Afirmaria mesmo que transportávamos lanternas a pilhas, pás, e um curioso rolo de arame com instrumentos pendurados, pois todas essas coisas desempenharam um papel na única cena hedionda que permanece marcada a ferro e fogo nas minhas débeis recordações. Mas, acerca do que depois ocorreu, ou sobre a razão porque me encontraram, na manhã seguinte, sozinho e desorientado à beira desse pântano, devo insistir que nada sei, excepto o que vos consegui relatar já, vezes sem conta. Dizem-me que não existe nada nesse pântano ou próximo dele, capaz de constituir o cenário desse episódio assustador. Declaro-vos que nada mais sei, para além do que pude presenciar. Talvez se tratasse de uma visão ou de um sonho — algo que desejo ardentemente — mas é tão-só o que a minha mente ainda retém acerca de tudo o que ocorreu durante essas chocantes horas, logo que ninguém mais nos viu. A razão porque Harley Warren não voltou, apenas ele ou a sua sombra — ou algo inominável que não consigo descrever — poderão afirmar.

Tal como antes vos mencionei, os estranhos estudos de Harley Warren eram para mim bem conhecidos e, até certo ponto, participei dos mesmos. Da sua vasta colecção de raros e estranhíssimos livros sobre assuntos proibidos, li todos os que estavam escritos nas línguas

que domino — poucos, afinal, se os compararmos com todos os que se apresentavam em línguas que não conheço. Muitos, segundo creio, estão escritos em árabe, e o livro diabolicamente inspirado que provocou esse fim — o livro que ele levou consigo no bolso, para fora deste mundo — estava escrito em caracteres que não se assemelhavam a nada que eu alguma vez tivesse visto. Warren nunca me esclareceu acerca do que, precisamente, se poderia encontrar nesse livro⁴. Quanto à natureza dos nossos estudos, será que vos terei que repetir que a minha compreensão se encontra bastante debilitada?... E ainda bem que assim é, pois tratavam-se de terríveis estudos que eu prosseguia, mais por motivos de uma fascinação relutante do que de uma verdadeira propensão. Warren sempre me dominou e, por vezes, cheguei a sentir medo dele. Ainda me lembro do arrepio que me provocou a sua expressão facial, na noite que antecedeu o terrível acontecimento, quando ele falava incessantemente acerca da sua teoria, *da razão pela qual certos cadáveres nunca se decompunham, mas se mantinham firmes e cheios nas suas tumbas, durante mil anos*. Mas agora já não o temo, pois receio que tenha conhecido horrores bem para lá das minhas concepções. Agora, tenho medo do que lhe possa ter acontecido.

Mais uma vez vos digo que não tenho qualquer ideia clara sobre o nosso objectivo, nessa noite específica. Decerto, tratar-se-ia de algo relacionado com o livro que Warren trazia com ele — esse livro antigo com caracteres indecifráveis, que lhe chegara da Índia um mês antes —, mas juro-vos que não tenho qualquer ideia sobre o que nele esperávamos encontrar. A vossa testemunha afirma ter-nos visto às onze e meia, na Estrada de Gainsville, a caminhar em direcção ao Pântano do Grande Cipreste. Talvez seja verdade, mas não guardo qualquer memória disso. A imagem gravada com um ferro em brasa na minha alma é apenas a de um momento, e já deveria ser muito depois da meia-noite, visto uma lua crescente se elevar então no vapor dos céus.

O lugar era um velho cemitério, tão antigo que ainda me faz estremecer, quando penso na variedade de marcas que guardava de anos imemoriais. Ficava situado numa clareira funda e húmida, repleta de uma profusão de relva viçosa, musgo e curiosas ervas daninhas; repleta também de um vago mau cheiro que a minha distraída fantasia associava, absurdamente, ao odor de pedras apodrecidas. Por todo o lado se viam sinais de abandono e decrepitude, e eu parecia estar dominado pela noção de que eu e o Warren éramos as primeiras criaturas vivas a invadir esse letal silêncio secular. Sobre a margem do vale um crescente lunar, espreitava-nos através dos fétidos vapores que pareciam emanar de catacumbas desconhecidas, e, sob a luz dos seus pálidos raios, po-

dia aperceber-me da quantidade repelente de antigas lápides tumulares, urnas, cenotáfios, e fachadas de mausoléus a esboroarem-se, cobertas de musgo e manchadas pela humidade, em parte escondidas por essa luxuriante vegetação doentia.

A impressão mais vívida da minha própria presença nessa terrível necrópole, prende-se com o facto de ter parado, com Warren, diante de um certo sepulcro semidestruído, e de ter desabafado algumas preocupações que nos tinham vindo a dominar. Reparei então que transportava comigo uma lanterna de pilhas e duas pás, enquanto o meu companheiro tinha uma lanterna similar e os componentes que formavam um telefone portátil. Não trocámos uma só palavra, pois ambos conhecíamos bem a tarefa que nos esperava e, sem perdermos tempo, pegámos nas pás com que começámos a remover a relva, as ervas e a terra que se desprendia desse raso e arcaico mortuário. Após termos descoberto toda a superfície, que consistia em três enormes lápides de granito, recuámos um pouco para contemplarmos melhor esse ossuário, enquanto Warren parecia ir fazendo alguns cálculos mentais. Depois, aproximou-se desse sepulcro e, usando a pá em jeito de alavanca, tentou elevar a lápide que se encontrava perto de umas ruínas em pedra que, em tempos, teriam talvez sido um monumento. Não o consegui fazer, e pediu-me que o ajudasse. Finalmente, os nossos esforços combinados conseguiram com que a pedra desse de si. Levantámo-la e deixámo-la escorregar para o lado.

Ao removermos a lápide, revelou-se-nos uma escura abertura, da qual se começaram a libertar gazes miasmáticos, de tal modo fétidos, que ambos nos vimos obrigados a recuar horrorizados. No entanto, após um pequeno intervalo, aproximámo-nos novamente da abertura e reparámos que o cheiro se tornara mais suportável. As nossas lanternas iluminaram o topo de um vão de escadas em pedra, de onde escorria um detestável ícor, vindo das profundezas da terra. Essa abertura estava rodeada por paredes húmidas incrustadas de salitre. Então, pela primeira vez, recordo-me de uma troca verbal em que Warren se dirigia a mim, com a sua voz suave de tenor — uma voz que em nada parecia afectada por aquele tenebroso cenário.

«Lamento ter que te pedir para ficares aqui, à superfície» disse ele, «mas seria um crime permitir que alguém com os teus frágeis nervos descesse lá abaixo. Não poderás imaginar, mesmo depois de tudo o que leste e do que te contei, as coisas que terei que ver e o que terei que fazer. É um trabalho dos demónios, Carter, e duvido que um homem, mesmo com uma sensibilidade de ferro e a toda a prova, o consiga fazer, voltando vivo e no seu juízo perfeito. Não te quero ofender, e só Deus sabe

quão feliz estou por poder contar com a tua companhia, mas a responsabilidade é minha, até certo ponto, e eu não poderia arrastar uma pilha de nervos como tu até lá baixo, provavelmente para a morte ou para a loucura. Estou a dizer-te que nem sequer imaginas como é aquela coisa! Mas prometo manter-te informado, através deste telefone, de todos os meus movimentos... Não sei se estás a ver, tenho aqui fio que dava para ir até ao centro da terra e ainda voltar com algum!»

Ainda consigo ouvir, na minha memória, essas palavras tão frias e casualmente enunciadas, e ainda me lembro dos meus protestos. Sentia uma ânsia desesperada em acompanhar o meu amigo até essas profundidades sepulcrais, contudo, ele manteve-se inflexível até ao fim. Momentos houve em que ameaçou abandonar a expedição se eu continuasse a insistir, uma ameaça que provou ser eficaz, dado que apenas ele tinha a chave dessa *coisa*. Tudo isto ainda consigo recordar, se bem que já não saiba que tipo de *coisa* nós procurávamos. Depois de eu ter concordado, ainda que relutantemente, com os seus desígnios, Warren pegou no rolo de fio e testou os instrumentos. Quando ele me acenou com a cabeça, peguei numa ponta desse mesmo fio e sentei-me sobre uma pedra tumular, muito antiga e já descolorada, junto à abertura recentemente revelada. Depois, apertou-me a mão, pôs o rolo de fio às costas, e desapareceu por dentro desse indescritível ossuário. Durante um minuto, ainda consegui vislumbrar a luz da sua lanterna, enquanto ouvia o restolhar do fio que ele ia deixando atrás dele. Mas a luz em breve desapareceu, abruptamente, como se ele tivesse encontrado uma esquina nessa escadaria, e todos os ruídos morreram quase instantaneamente. Estava sozinho, contudo ligado a essas profundidades desconhecidas através desses fios mágicos, dos quais a superfície isolada se mostrava ainda verde sob os raios dessa morticha lua crescente.

No longo silêncio dessa envelhecida cidade dos mortos, a minha mente ia concebendo a mais fantasmáticas ilusões e fantasias. Os grotescos nichos e monólitos pareciam assumir uma hedionda personalidade, como se quase sentissem. Sombras amorfas pareciam ocultar-se nos recessos mais escuros, nessa clareira repleta de ervas daninhas, a ondular como se numa blasfema procissão cerimonial, diante dos portais dos bolorentos túmulos, na encosta da colina — sombras que não poderiam ter sido projectadas pelo crescente dessa pálida lua. Consultava repetidas vezes o meu relógio, à luz dessa lanterna a pilhas, e escutava, com uma ansiedade febril, o que me pudesse chegar pelo auscultador desse telefone, mas durante um bom quarto de hora nada ouvi. Apercebi-me então de um ténue estalido e comecei, muito tenso, a chamar pelo meu amigo. Apreensivo como me sentia, não estava de modo algum

preparado para as palavras que me chegavam desde essa inacreditável cripta, com um sotaque mais alarmado e trémulo do que qualquer outro que jamais tivesse ouvido da boca de Harley Warren. Ele, que com toda a calma me deixara há poucos momentos, comunicava agora comigo desde as profundezas, num murmúrio trémulo mais portentoso do que o guincho mais agudo:

«Meu Deus! Se ao menos pudesses ver o que eu estou a ver!»

Não consegui responder-lhe. Sem voz, apenas poderia esperar. Então, voltei a ouvir esse seu tom frenético:

«Carter, é terrível — monstruoso — é inacreditável!»

Dessa vez consegui falar, vertendo para o transmissor toda uma torrente de alvoroçadas perguntas. Aterrorizado, continuava a repetir: «Warren, que se passa? Que é que se está a passar?»

Mais uma vez, a voz do meu amigo, ainda engrossada pelo medo, e então já tomada pelo desespero:

«Não te posso dizer nada, Carter! É algo para lá de qualquer concepção... não me atrevo a contar-to... Nenhum homem poderia saber de tudo isto e continuar a viver como se nada fosse... Meu Deus, nunca na minha vida sonhei sequer com uma coisa como ESTA!» Mais uma vez o silêncio, cortado apenas pela torrente das minhas inquietas questões. Depois, a voz de Warren, com um som de extrema consternação:

«Carter, pelo amor de Deus, volta a colocar a lápide no seu sítio e vai-te embora o mais rápido que puderes! Depressa! Deixa tudo e vai-te embora... é a tua única oportunidade! Faz o que digo e nem sequer me peças explicações!»

Foi isso que ouvi, apesar de apenas poder repetir as minhas inquietas perguntas. À minha volta havia tumbas e a escuridão das sombras; por baixo de mim um perigo para lá do alcance de qualquer imaginação humana. Mas o meu amigo corria mais perigo do que eu e, através do meu medo, senti um certo ressentimento por ele ter pensado que eu era capaz de o abandonar naquelas circunstâncias. Ouvi então um outro estalido e, após uma pausa, um grito desesperado de Warren:

«Pira-te! Pelo amor de Deus, volta a colocar a lápide e pira-te, Carter!»

Algo nessa gíria de rapazes me indicava que o meu companheiro estava a ser atacado, de modo que tentei controlar todas as forças que ainda me restavam. Gritei-lhe então a seguinte resolução: «Warren, não desesperes, eu vou descer!» Porém, ao ouvir essa minha resolução, o tom dele mudou para um grito de total desespero:

«Não! Tu nunca poderás perceber! É tarde demais e eu é que sou o responsável! Volta a colocar a lápide e vai-te embora! Não há mais nada

que tu ou outra pessoa possam fazer agora!» O seu tom de voz voltou a mudar, dessa vez tornando-se mais suave, como se ele tivesse perdido quaisquer esperanças e se tivesse resignado. Contudo, continuava tenso, devido à ansiedade que sentia em relação à minha situação.

«Depressa... antes que seja demasiado tarde!»

Tentei não lhe prestar atenção. Tentei contrariar a paralisia que me parecia dominar e cumprir a minha promessa de ir até lá baixo para o ajudar. Mas o seu próximo murmúrio ainda me encontrou acorrentado por um horror absoluto.

«Carter... depressa! Não vale a pena... tens de ir embora... antes um do que dois... a lápide...» Houve então uma pausa e outro estalido, depois, a esmorecida voz de Warren:

«Já está tudo a acabar... não dificultes as coisas... cobre esses malditos degraus e corre, se queres salvar a vida... estás a perder tempo... Adeus, Carter... nunca mais te voltarei a ver...»

Então, o murmúrio de Warren transformou-se num grito; um grito que pouco a pouco se transformou num guincho repleto de todos os horrores de tempos imemoriais...

«Malditas sejam estas coisas infernais... legiões... Meu Deus! Pira-te! Pira-te! PIRA-TE!»

Depois, ouvi apenas o silêncio. Não sei ainda por quantas eternidades aí fiquei estupefacto, a sussurrar, a murmurar, a chamar, a gritar para o telefone. Vezes sem conta, através de todo esse tempo, continuei a gritar, a chamar a murmurar, a sussurrar: «Warren! Warren! Responde-me... estás a ouvir-me?»

Foi então quando o supremo horror veio ao meu encontro — algo de inacreditável, de impensável — algo que eu não deveria sequer mencionar. Já vos disse que tive a impressão de que eternidades se tinham passado, desde que Warren me gritara o seu derradeiro aviso desesperado, e que apenas os meus horríveis gritos quebravam nesse momento o silêncio. Porém, mais tarde, ouvi um outro estalido no auscultador e esforcei o ouvido o mais possível, para escutar. Mais uma vez me dirigi a ele: «Warren, estás a ouvir-me?», e como resposta ouvi a coisa que invadiu com esta nuvem a minha mente. Não irei sequer tentar, meus senhores, dar-vos conta dessa coisa — dessa voz — nem me poderei aventurar a vo-la descrever em detalhe, dado que as suas primeiras palavras me roubaram a consciência, criando um vazio mental que apenas cessou logo que acordei no hospital. Dever-vos-ei dizer que a voz era profunda, oca, gelatinosa, remota, fora deste mundo, inumana, sem corpo? Que mais querem que vos diga? Foi esse o fim da minha experiência e também o final da minha história. Ouvi isso, e perdi o conhecimento — ouvi

isso enquanto estava sentado e petrificado nesse cemitério desconhecido, nessa clareira funda, entre pedras esboroadas e campas abatidas, a vegetação luxuriante e os vapores miasmáticos — ouvi isso muito bem, desde as profundezas mais remotas desse sepulcro aberto, enquanto me apercebia de sombras amorfas e necrófagas, dançando sob um crescente lunar amaldiçoado.

E isto foi o que ouvi:

«VAI-TE EMBORA, MEU PARVO, O WARREN ESTÁ MORTO!»■

¹ Publicado pela primeira vez em *Vagrant* (1920) e mais tarde na *Weird Tales* (Fevereiro de 1925).

² Trata-se da mesma personagem que em «A chave de Prata» é mencionada como «um homem do Sul», e em «Através dos Portais da Chave de Prata» como «um místico da Carolina do Sul».

³ Segundo alguns críticos, este conto passar-se-ia na Florida.

⁴ Trata-se da primeira referência a um livro mítico na obra de Lovecraft. Este livro, obviamente, não se trata do famoso *Necronomicon*, pois este estava escrito em árabe e tinha versões em grego, latim e inglês, línguas que o narrador dominava.